
Sam Wilson: o poder da América oprimida¹

Lorrayne Bárbara Ferreira do NASCIMENTO²

George André Pereira de SOUZA³

Julianna Nascimento TOREZANI⁴

Faculdade dos Guararapes, Jaboatão dos Guararapes, PE

RESUMO

Azul, vermelho, branco e negro este é Sam Wilson, o Capitão América do século XXI. Assim como seu antecessor Steve Rogers, ele carrega o manto da bandeira americana, porém se difere, pois em sua pele carrega a cor da luta por liberdade de seus antepassados. Esse é o objeto de análise do presente trabalho que será desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica baseada nos conceitos de identidade de Stuart Hall de sociedade líquida de Zygmunt Bauman, de posicionamento político de Lorenzo Kom'boa Ervin e de educação de Paulo Freire. O objetivo é apontar como o personagem simboliza o reconhecimento da luta por direitos da América oprimida e demonstra como esta conquista transforma e influencia o reconhecimento e a construção da identidade negra do sujeito pós-moderno.

PALAVRAS-CHAVE: América oprimida; Capitão América; Sam Wilson; Identidade; Teorias da Comunicação.

Introdução

O intuito desse artigo é mostrar as transformações étnicas nos personagens da empresa editorial Marvel Comics, tendo como objeto principal o “Capitão América Sam Wilson”, bem como apresentar os pontos positivos e negativos destas mudanças, as consequências dessa construção para o processo de reconhecimento da luta por direitos da América oprimida e como isso afeta a identidade fragmentada do sujeito pós-moderno. Quanto à transformação étnica abordada neste artigo trata-se da mudança do super herói Capitão América que não é mais o Steve Rogers e passa a ser o Sam Wilson, neste sentido apresenta-se um personagem negro.

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação do 4º. semestre do Curso de Rádio e TV da Faculdade dos Guararapes, email: lorraynebarbara1@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 4º. semestre do Curso de Rádio e TV da Faculdade dos Guararapes, email: george.aps@outlook.com

⁴ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Comunicação pela UFPE. Mestre em Cultura e Turismo e Bacharel em Rádio e TV pela UESC. Sócia da Intercom. Professor do Curso de Rádio e TV da Faculdade dos Guararapes, email: juliannatorezani@yahoo.com.br

O teórico cultural jamaicano Stuart Hall (2000, p. 117) afirma que quando olhamos para questões de identidade, devíamos ter em mente: “como temos sido representados [...], como essa representação afeta a forma como podemos representar a nós próprios”. Com isso é possível questionar: será que as formas de representação são fidedignas à realidade ou a realidade se constrói através das representações? Esta reflexão será colocada em pauta ao analisar as transformações étnicas das Histórias em Quadrinhos, para mostrar a ausência de representações dos diversos grupos que formam a América e como esta mudança representa o poder e a conquista do reconhecimento deste mesmo grupo.

Através de uma pesquisa bibliográfica tendo como eixo principal o ensaio “Quem precisa da identidade?” do pesquisador Stuart Hall (2000) da escola inglesa de comunicação, os Estudos Culturais. Intercalado com ideias sobre modernidade de outros autores como do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005) através de seus conceitos de sociedade líquida e identidade, do escritor e militante anarquista norte americano Lorenzo Kom’boa Ervin (2015) com as ideias sobre posicionamento político e as contribuições do pedagogo brasileiro Paulo Freire (1987) sobre educação emancipadora e comunicação como ferramenta de educação. Outra ferramenta de análise será a pesquisa documental da obra *Capitão América: Sam Wilson Vol. 1*, (MARVEL, 2015, 29 p.) do roteirista Nick Spencer e artista Daniel Acuña.

Demonstraremos, assim, a importância das transformações realizadas nas Histórias em Quadrinhos, como isso afeta direta e indiretamente o indivíduo e a sociedade, como esta mudança emblema o reconhecimento do direito dos diversos grupos que constrói toda América e apontar que apesar deste processo positivo ainda há muita luta a ser travada.

Identidade, Direitos e Diversidade Étnica

Os Estudos Culturais ou Escola de Comunicação Inglesa criada através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, trata da cultura popular, da diáspora e da negação as comunidades. De acordo com Zygmunt Bauman (2005), o questionamento sobre o que é identidade só surge quando nos é negado o direito a qualquer comunidade. A partir disso, como podemos refletir sobre a diversidade étnica de seus principais membros, que vieram das colônias

e ex-colônias britânicas como Jamaica, Índia e Argentina. Com isso, é importante trazer o conceito de etnia para esta discussão: “A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhadas por um povo” (HALL, 1999, p. 62).

Os estudos de Stuart Hall sempre permeiam pelo complexo das identidades humanas dentro dos diversos campos como a política, educação e as ciências humanas. Mas, foi no campo da cultura, principalmente da cultura contemporânea, que seu trabalho foi construído.

O pensamento de Hall passa por convicções democráticas e pela aguçada observação da cena cultural contemporânea. A maioria de seus textos teóricos responde a uma conjuntura específica, incluindo aí um momento da discussão teórica sobre a cultura. Deixam clara sua ligação com o projeto de formular “estratégias culturais que fazem diferença e deslocam as disposições de poder” (SOVIK apud HALL, 2002, p. 11).

A base dos seus estudos sobre identidade trata da concepção da personalidade humana em três sujeitos dentro de uma perspectiva histórica. Hall inicia com a ideia do “sujeito do Iluminismo” como um elemento fixo e que não se altera no decorrer da sua vida, depois passa para a ideia do “sujeito sociológico” que tem sua identidade variante ao decorrer do convívio social e, por último, o “sujeito pós-moderno” que possui uma identidade fragmentada que se move constantemente.

As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”. As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização. As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades – híbridas – estão tomando seu lugar (HALL, 1999, p. 69).

Em seu ensaio “Quem precisa da identidade”, Hall (2000) reflete sobre a identidade fragmentada no sujeito da modernidade tardia ou sujeito pós-moderno, visto que não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, torna-se móvel, formada e transformada continuamente.

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentada e fraturada; que elas não são, nunca, singulares, mais multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem ser cruzar ou ser antagônicas (HALL, 2000, p. 108).

O texto expõe novas questões para o estudo da identidade, Hall continua a apresentar os cinco descentramentos do sujeito pós-moderno: os estudos sociais marxistas, a psicanálise de Sigmund Freud, os estudos linguísticos de Ferdinand de Saussure, o conceito de poder disciplinar de Michel Foucault e os efeitos dos movimentos feministas.

O primeiro trata das “tradições do pensamento marxista”, ou seja, da impotência do homem diante de sua realidade, em que o indivíduo permanece preso a sua condição histórica, ou seja, o sujeito é, nesse caso, dependente das decisões de seus antepassados. Como segundo descentramento, Sigmund Freud contribui com sua “descoberta do inconsciente”, trazendo das experiências vividas e das relações inconscientes. Quanto ao terceiro descentramento está o “trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure”, aborda que a linguagem é algo preexistente ao indivíduo, em que este deve incorporá-la, aceitando suas regras de significação através de um repasse cultural para enunciação de mensagens. O quarto descentramento apresenta as ideias do filósofo e historiador Michel Foucault que analisa o controle exercido pelas instituições sociais, através do conceito de “poder disciplinar”, sobre as ações das pessoas. O quinto descentramento, por sua vez, trata do “impacto do feminismo” como um movimento social que emergiram nos anos 1960 pela luta dos direitos civis para as mulheres, visto que neste período, observado pelo autor, o feminismo questiona a identidade de homens e mulheres. “O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a ‘Humanidade’, substituindo-a pela *questão da diferença sexual* (HALL, 1999, p. 46, grifos do autor).

Nas obras seguintes, Hall traz novas ideias para busca da compreensão da identidade. O ponto principal é a ideia sobre a representação do indivíduo a partir do termo “identificação”. Segundo Hall (2000, p. 117) a “identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas ou ainda a partir de um mesmo ideal”.

Hall navegou por outros campos como a discussão sobre a diáspora e as ideias de representação, mas ambos os temas estão ligados às questões de construção de identidade. O professor Arthur Ituassu (2016) explica as ideias do autor no texto que escreveu para apresentação do livro *Cultura e representação*.

Stuart Hall obtinha destaque acadêmico se perguntado como as imagens que vemos constantemente a nossa volta nos ajudam a entender como funciona o

mundo em que vivemos, como essa imagens apresentam realidades, valores, identidade, e o que podem carregar isso, que é incluído e quem é excluído, como fica a situação particular dos negros nesse processo (ITUASSU, 2016, p. 10).

Vemos como o autor sempre procurou ir além, questionando todos os pontos possíveis em torno de uma questão, seja ela parte de seu trabalho sobre identidade ou nas gestões de representação cultural, sobretudo quando afirma que “uma gama de diferentes teorias sobre linguagem é usada para representar o mundo” (HALL, 2016, p. 31).

Paulo Freire é um pensador e educador comprometido com a vida, pensa a existência para uma pedagogia em que o esforço totalizador da “práxis” humana busca, na interioridade desta totalizar-se como “prática da liberdade”. Apresentou em seu trabalho uma nova visão sobre educar e comunicar e como estas questões influenciam o indivíduo, seja no campo político, seja no campo étnico, pois todas as identidades estão interligadas, como o próprio autor fala em outra obra.

De acordo com Freire (1987, p. 29) “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente o opressor e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘conivência’ com o regime opressor”. Isso quer dizer que a liberdade dada pelo homem branco aos outros povos, que dependem dele, perpassa por todo um processo histórico de luta e reconhecimento. Como deixa claro uma das frases do líder do movimento negro norte-americano, Martin Luther King (1929-1968), “a liberdade jamais é dada pelo opressor ela tem que ser conquistada pelo oprimido”.

Para o ativista, membro dos panteras negras nos anos 1960 e militante anarquista norte americano Lorenzo Kom'boa Ervin (2015), “a identidade negra é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero e orientação sexual”. O pesquisador defende em seu livro *Anarquismo e Revolução Negra* (2015) que os trabalhadores brancos e negros e de outras etnias estão ligados por serem alvo da opressão da estratégia capitalista:

Esta divisão é um desdobramento que, em última análise, enfraquece os padrões de vida de todos os trabalhadores. Além disso, instigando brancos contra negros e outras nacionalidades oprimidas, a classe capitalista é capaz de impedir que os trabalhadores se unam contra o inimigo de classe comum. Enquanto os trabalhadores estão lutando entre si, a dominação de classe capitalista está segura (ERVIN, 2015, p. 17).

Este livro foi escrito em um momento de grande dificuldade para o autor e para comunidade negra nos Estados Unidos, como ele mesmo relata “este livro foi escrito enquanto eu estava na prisão, em que havia poucas vozes pretas na tendência anarquista” (ERVIN. 2015. p. 17). Dentro desta visão sobre o processo de libertação do oprimido podemos dizer que opressor realiza a dominação através de falsas ideias sobre os oprimidos e as minorias, o que tem levado a grande fragmentação dos grupos não dominantes.

Zigmunt Bauman, sociólogo polonês, em sua obra *Tempos Líquidos* (2007) aborda sua preocupação em relação à liquefação da nação. Bauman afirma que, num mundo globalizado, com problemas globais, soluções locais não são admitidas. O autor afirma que é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que cria o medo em que a sociedade vive, um mundo repleto de injustiças e com pouca dignidade que corrompem os valores dos indivíduos.

Se a ideia de “sociedade aberta” era originalmente compatível com a autodeterminação de uma sociedade livre que cultivava essa abertura, ela agora traz à mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente; uma população horrorizada por sua própria vulnerabilidade, obcecada com a firmeza de suas fronteiras e com a segurança dos indivíduos que vivem dentro delas - enquanto é justamente essa firmeza de fronteiras e essa segurança da vida dentro delas que geram um domínio ilusório e parecem ter a tendência de permanecer como ilusões enquanto o planeta for submetido unicamente à globalização negativa (BAUMAN, 2007, p. 13).

Bauman também trata das consequências da globalização, toma como exemplo os refugiados e aponta as guerras com um efeito dessa integração global. O autor determina em sua obra três possíveis fundamentos para o sofrimento da humanidade: o poder superior da natureza, a fragilidade dos nossos corpos e o despropósito da relação dos seres humanos em sociedade. Faz uma relação como os direitos políticos e as ideias de democracia se impõem sob os direitos pessoais dos cidadãos, passando assim da tarefa de organizar as instituições para ajustar as realidades sociais.

Em vez de surgir, a partir de uma “sociedade civil” já formada, ansiando por um escudo político, o corpo político em sua nova forma de “Estado social” enfrentou a tarefa de estabelecer os alicerces da sociedade civil ou ampliá-los para acomodar as parcelas da sociedade que até então estivera ausente (BAUMAN, 2007, p. 73).

Além disso, Bauman nos traz a ideia de utopia social, no sentido de incerteza na contemporaneidade, onde a humanidade vive na expectativa de dias mais estabilizados e harmoniosos. Descreve que para a realização dessas utopias são necessários que haja duas condições: que o ser entenda que o mundo precisa se transformar e acreditar que a humanidade possa fazer essa mudança.

O fardo de Sam Wilson

Capitão América: Sam Wilson, volume 1, retrata o início de uma nova jornada do personagem, ao decorrer dos acontecimentos ele vai fazendo uma retrospectiva dos últimos seis meses, aproximadamente, mostrando inclusive o Capitão América voando de classe comercial. A obra começa com ele no Aeroporto Internacional de Phoenix dizendo “Eu amo meu país” (MARVEL, 2015, p. 2), enquanto passa seu escudo pelo sensor de metais para embarcar em um avião comercial. Já dentro da aeronave, ele senta entre dois jogadores de futebol americano que logo de início o reconhecem.

Em meio a descontração do momento no avião, ele começa a explicar os últimos acontecimentos que o levaram até ali. Primeiro, ele mostra como desestruturou a Hidra e como cortou as relações com S.H.I.E.L.D. (Strategic Homeland Intervention Enforcement Logistics Division, numa versão em português Superintendência Humana de Intervenção, Espionagem, Logística e Dissuasão). Após diálogo com Maria Hill, atual comandante da S.H.I.E.L.D., o Capitão América inicia sua reflexão demonstrando suas ideias e o posicionamento sobre o país e sua luta, fazendo um desabafo.

O roteirista Nick Spencer escreve um desabafo, expõe o que muitos americanos sentem sobre o atual cenário do país. O texto em muitos momentos nos lembra o famoso discurso do Martin Luther King: “Eu tenho um sonho”. Spencer explica o que é “a linha direta”, a forma como ele ia trabalhar para população e com a população, nessa interação vemos as representações de coisas banais da vida americana. Um caso que o leva a uma nova jornada, um imigrante latino que foi raptado, logo ele descobre que se trata de um grupo de caça ao imigrante, uma representação e, ao mesmo tempo, uma crítica ao levante xenofóbico do país e do mundo com as novas imigrações ao redor do planeta. “Deus sabe que tentamos, mas até o grande muro ser construído, vocês vêm

tomar empregos que são nossos por direito!” (MARVEL, 2015, p. 22), em trechos como este, vemos a posição declarada do autor e da editora referente ao governo atual do país que na época ainda estava em campanha. Por último, temos um cena onde é possível observar o Steve Rogers dando voz de prisão ao Sam Wilson.

Como Eu disse... O trabalho mudou. O homem que me deu esse emprego - Steve Rogers, o capitão América original - deixou as expectativas bem altas. Ele era capaz de inspirar americanos, mostrar a eles o que eles poderiam ser se trabalhassem duro e unidos. Quando ele passou o escudo para mim, tudo o que eu queria fazer era seguir suas pegadas, honrar seu legado. E eu pensei que sabia o que isso significava... o que era o trabalho... você luta contra alguns supervilões... Monta uma equipe de vingadores... (MARVEL, 2015, p. 10).



Figura 1 - Sequência: Equipe de Vingadores.
Fonte: *Capitão América Sam Wilson*, vol. 1, 2015, p. 9.

Essa equipe a qual o personagem se refere demonstra as mudança étnicas, raciais e de gênero que a editora vem fazendo, pois a equipe é formada por uma diversidade enorme, são eles: Novo Homem Aranha, Miles Morales, Negro (de origem latina), Lady Thor, Jane Foster (mulher que assume o lugar do deus do trovão), Miss Marvel, Kamala Khan (paquistanesa de 16 anos) e Sam Alexander (também de origem latina). A interação destes heróis neste grupo é uma representação da união da forças das minorias, separadas pelo capitalismo dominante, como aponta Lorenzo Kom'boa Ervin (2015, p. 18): “A subjugação contínua das massas depende da competição e desunião interna. Enquanto existir discriminação e as minorias raciais ou étnicas forem oprimidas, toda a classe trabalhadora será oprimida e enfraquecida”.

Vemos também neste trecho do discurso do personagem a fala sobre seu antecessor. Quando fala do Steve Rogers aponta qualidade, de forma definida e fixa, algo que remete a ideia do sujeito do Iluminismo, sujeito esse que está mais perto do ideal clássico do herói, já Sam Wilson se coloca como alguém que tem dúvida, que está

em busca de sua identidade própria, um conflito entre o passado e o futuro. Vemos um empoderamento por parte do Sam Wilson, que representa a luta por igualdade de todos os povos oprimidos. Temos ideia de que o homem branco vai dar o lugar para o negro, porém o homem negro assume esse lugar ao seu modo, iniciado na sombra, em que aos poucos assume as rédeas do seu destino. Paulo Freire (1987, p. 17) aponta essa questão da seguinte forma: “A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. Contudo, não podemos eclipsar o fato de que essa libertação não ocorre gratuitamente”.

Em todo momento vemos o Capitão América, Sam Wilson, assumindo esta postura de não opressor e, muitas vezes, ele está no lugar do oprimido, ele enxerga as mazelas da sociedade americana como aponta em sua fala a seguir:

[...] talvez uma parada de vez em quando. Você se mantém sorrindo acenado, mantém a pose. Mas eu tenho que admitir não demorou muito... Até que as coisas começassem a ficar um pouco... Estranhas. Sejamos honestos... Esse país é tão dividido quanto sempre foi. Vermelho e azul, negro e branco, republicano e democrata, norte e sul... Parece que estamos constantemente voando nas gargantas uns dos outros. Não confiamos uns nos outros. Não nos vemos mais em nossos vizinhos. E isso não é um discurso intelectual... pessoas estão morrendo (MARVEL, 2015, p. 11).



Figura 2 - Sequência: Sam Wilson em parada gay.
Fonte: *Capitão América Sam Wilson*, vol. 1, 2015, p. 9.

Suart Hall (1999) elucida esse processo de separação ao chamar de “jogo das identidades”. Através do relato do caso “Clarence Thomas”, um juiz negro de visões políticas conservadoras. O juiz foi acusado de assédio sexual por uma mulher negra, Anita Hill.

Alguns negros apoiaram Thomas, baseados na questão da raça; outros se opuseram a ele, tomando como base a questão sexual. As mulheres negras estavam divididas, dependendo de qual identidade prevalecia: sua identidade como negra ou sua identidade como mulher. Os homens negros também estavam divididos, dependendo de qual fator prevalecia: seu sexismo ou seu liberalismo. Os homens brancos estavam divididos, dependendo, não apenas de sua política, mas da forma como eles se identificavam com respeito ao racismo e ao sexismo. As mulheres conservadoras brancas apoiavam Thomas, não apenas com base em sua inclinação política, mas também por causa de sua oposição ao feminismo. As feministas brancas, que freqüentemente tinham posições mais progressistas na questão da raça, se opunham a Thomas tendo como base a questão sexual. E, uma vez que juiz Thomas era um membro da elite judiciária e Anita Hill, na época do alegado incidente, uma funcionária subalterna, estavam em jogo, nesses argumentos, também questões de classe social (HALL, 1999, p. 19-20).

Defendemos aquilo que nos auto identificamos, que faz parte da nossa identidade, isso se dá dentro de qualquer campo da cultura ou política, essas palavras do Capitão América tenta trazer essa verdade à luz. O problema não está nas diferenças, mas sim na não aceitação destas.

Nossas ruas em chamas. Desigualdade crescendo. Parece que tudo está prestes a explodir. E era assim... Mesmo se não concordássemos com o que fazer em nossas comunidades, nós podíamos ao menos nos unir para lutar contra inimigos comuns, todo mundo concorda em lutar contra a Hidra. Mesmo isso não é mais tão simples. Os caras bons - S.H.I.E.L.D, A.S.N Agência de Segurança Nacional - já foram pegos fazendo coisas que achávamos que nem os caras maus poderiam fazer, mesmo nos nossos piores pesadelos (MARVEL, 2015, p. 11).

Neste ponto do discurso, podemos ligar a duas questões de relevância, uma é representação da realidade, pois os Estados Unidos da América vem passando por vários conflitos sociais, em sua grande parte por questões raciais. “A representação, aqui, está intimamente ligada a identidade e conhecimento. Pois, na realidade, é difícil saber o que ‘ser inglês’ – o mesmo francês, alemão, sul-africano, japonês” (HALL, 2016, p. 24.).

Ao tratar sobre estas questões de identidade questiona-se sobre as ideias nacionalistas, de com isso está presente e até onde faz parte do processo de construção do indivíduo. Na continuidade da fala do personagem Sam Wilson e no simples fato de todo questionamento sobre a passagem do manto do Capitão América a um afrodescendente, como ainda estamos longe de um reconhecimento ideal para luta do povo negro.

Mas o problema ainda maior e mais assustador pra mim em todas essas lutas, todos esses debates, todas essas coisas nos dividindo... Eu tenho um. Isso mesmo eu tenho opiniões, fortes convicções mesmo. E aí é que está... quanto mais eu vi as pessoas pelas quais eu acreditava lutar sendo deixadas de lado... Quanto mais eu ouvia um ruído constante de intolerância e medo, diminuindo o senso comum... mais eu me perguntava... O Capitão América não deveria ser mais do que um símbolo? Steve sempre tentou ficar acima das disputas e eu respeito ele por isso. Ele tomou posição quando teve que tomar mais enquanto a política correu... Ele se manteve fiel ao uniforme. Mas se eu realmente acreditava que poderia fazer a diferença... Se eu realmente acreditava que poderia mudar algumas mentes, fazer algum bem...então eu não era obrigado a tentar? Então eu chamei uma coletiva de imprensa. Eu pensei em falar com a mídia, sair do marasmo, tentar unir os irmãos... (MARVEL, 2015, p. 11).

Antes de assumir o posto de Capitão América, quando ainda era o Falcão, pertencia a um grupo a qual estava, era reconhecido e aceito, era um “herói de apoio” tinha seu lugar bem estabelecido. A partir do momento em que assume o manto vermelho e azul a coisa muda, não é mais um “herói de apoio” pois passa para o “estrelato”, não pertence mais a grupo anterior, porém ainda não pertence a elite dos heróis, essa negação, como aponta Bauman é um motor propulsor para os questionamentos da identidade do indivíduo.

É comum afirmar que as “comunidades” (as quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) “vivem juntos numa ligação absoluta”. Dos dois tipos, o primeiro me foi negado - tal como o foi e será para um número cada vez maior de meus contemporâneos. Se não tivesse sido negado, dificilmente lhe ocorreria indagar-me sobre a minha identidade... A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria - e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidade e policulturas (BAUMAN, 2005, p.17).

Sam Wilson inicia, assim, seu questionamento sobre o que deve fazer e como deve trilhar seu caminho. Observa-se vários momentos de ruptura, ele se desliga de Steve Rogers, da S.H.I.E.L.D. e do próprio governo americano. Todos esse pontos podem ser ligados a vida dos indivíduos pertencente à qualquer grupo de minorias, eles tem ou terão em alguns momentos de sua vida que passar por um momento de negação dentro de alguns grupos de identificação. Isso nos leva a outro pensamento que é a diáspora, tão bem trabalhado por Stuart Hall.

Antropologicamente, essa questão foi frequentemente abordada em termos de “sobrevivências”. Os sinais e traços dessa presença estão, e claro, por toda parte. A “África” vive não apenas na retenção das palavras e estruturas sintáticas africanas na língua ou nos padrões rítmicos da música, mas na forma como os jeitos de falar africanos tem estorvado, modulado e subvertido o falar do povo caribenho, a forma como eles apropriaram o “inglês”, a língua maior (HALL, 2003, p. 40).

O povo chamado aqui de oprimido é fruto de um processo de diáspora, assim como o Capitão América, como negro ele possui a herança da diáspora africana. Tendo em vista que o conceito de diáspora indica deslocamento, que pode ser operado de lugar quando há migração para outro país e as pessoas passam a habitar tal espaço, sendo que para isso aprendam e incorporam o novo modo de vida, ligado ao trabalho, às leis e à cultura. Mas, há, ainda, uma diáspora de sentido, em que essas mudanças são operadas no mesmo local de moradia, não há migração de espaço, mas profundas mudanças no modo de vida. Neste sentido, vale mencionar a questão que Hall aponta sobre os povos jamaicanos em relação a sua formação cultural, tendo em vista que é formada por elementos diaspóricos.

As questões da identidade cultural na diáspora não podem ser “pensadas” dessa forma. Elas têm provado ser tão inquietantes e desconcertantes para o povo caribenho justamente porque, entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas (HALL, 2003, p. 30).

O processo de preconceito, seja o racismo, a xenofobia ou qualquer outro tipo, surgiu de processos de deslocamentos físicos. Pessoas foram tiradas de suas terras para irem a um novo lugar onde não serão aceitos se não se submeterem a todos os processos de operações criados por um “pseudo” dono da terra.

O destino da classe trabalhadora branca sempre foi ligado à condição dos trabalhadores negros. Retrocedendo até o período colonial americano, quando o trabalho negro foi importado pela primeira vez para a América, escravos negros e servos por contrato foram oprimidos juntos com os brancos das classes mais baixas (ERVIN. 2015, p. 16).

Esse processo histórico se repete até hoje, é um fato que observamos quando olhamos para toda a história contemporânea de toda sociedade humana. Desde o processo colonial passando pelo Revolução Industrial até os nossos tempo atuais. Podemos apontar que a ideia de um homem branco opressor, pertencente a esse grupo,

uma representação construída, longe da realidade, o que temos desde muito tempo é um “clube de elite”. Essa representação serve para separar os oprimidos.

A servidão por contrato caracterizava-se enquanto forma de tutela assumida pelo trabalhador ao receber do seu tutor/senhor os recursos para atravessar o Atlântico, desde o Velho Mundo, e se radicar em alguma das treze colônias inglesas na América do Norte. Geralmente, o tempo de servidão não excedia o limite de seis anos (ERVIN, 2015, p. 15).

O relato histórico dos “servos por contrato” mostra bem essa questão, de que uma minoria elitista é que oprimiu e oprime toda uma população, independente de cor ou etnia. O homem capitalista sempre criou processo para se beneficiar em relação aos que necessitam de algo.

Considerações Finais

Dentro do quadro atual em que o mundo se encontra, com uma onda de conservadorismo, xenofobia e diversos tipos de preconceitos sendo expostos e incentivados por políticos reacionários, o assunto proposto no trabalho é de suma importância, pois trata de reconhecimento, força e empoderamento de suas identidades étnicas, raciais e de gêneros. Por ser uma conquista que não foi dada pelos opressores, mas sim conquistada pelos oprimidos. Deixando assim muitas questões a serem exploradas, como refletir sobre as mudanças positivas ou negativas e os efeitos deste processo na América e no resto do mundo.

A identidade fragmentada do sujeito pós-moderno é fruto de todo estes processos de libertações que ocorreram na história recente da humanidade, do fim da escravidão, passando pela luta dos direitos civis e pelo movimento feminista. A fragmentação, portanto, é fruto disso, não como um processo finalizado, mas que está acontecendo, a cada nova transformação, novos elementos de fragmentação surgem, jogando luz para às identidades.

O movimento de transformação iniciado pela editora Marvel Comics, onde o novo Capitão America, Sam Wilson, pode ser tomado com o ápice do processo, resulta em uma nova montagem da identidade, ter um referencial de poder negro, apresentando assim os super heróis para atual juventude. É de extrema relevância discutir o lugar das minorias nesse tipo de elemento artístico, que são as Histórias em Quadrinhos, visto que

podem ser apropriadas pelo cinema e demais produtos e são consumidas por milhões de pessoas no mundo, assim quando um elemento da cultura pop discute temas como identidade, direitos e diversidade étnica, é possível que esse tema venha a ser discutido por uma grande quantidade de pessoas e traga uma reflexão sobre as questões identitárias dos indivíduos e o reconhecimento de diferenças.

Ainda que a representação esteja afastada da realidade, pois isso tem historicamente afetado o lugar de muitas pessoas no mundo. O objetivo do trabalho é apresentar e discutir a questão de como o Sam Wilson representa um ícone desta luta, por um espaço de representação mais fidedigna à realidade ou que as representações tragam à realidade uma desconstrução de paradigmas de ódio e preconceitos .

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

ERVIN, Lorenzo Kom'boa. **Anarquismo e Revolução Negra** e outros textos do Anarquismo Negro. Tradução de Mariana Correã dos Santos. Coletivo Editorial Sungular, 2015.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. Título original: The questiono of cultural identity.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARVEL. **Capitão América: Sam Wilson** Vol. 1. Roteiro de Nick Spencer. Desenho de Daniel Acuña. Barueri: Panini Brasil, n. 1, 2015. 29 p.